

Tocando cravo

(Quadro de Gaspar Nettscher)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**

(PAGAMENTO ADWANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

# Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Carta a X..



ELA primeira vez X... o senhor tem razão. O Accacio não morreu — transfigurou-se.

Aquella alminha de Deus, miudinha e tacanha que nós conhecemos e... respeitamos, no tempo da outra senhora, agachou-se humilde, escondeu-se n'uma attitude passiva d'indifferente... Despiu a sobrecasaca, vendeu as commendas, e de rabona, passou muito democraticamente a assignar o *Mundo* e a frequentar a Brasileira. Mão teve um gesto de protesto, um esgar de revolta, uma sacudidella de repulsão. Perante a outubrada triumphante, acocorou-se, e pelo dobrar submisso d'aquelles joelhos commodistas, que tantas vezes genuflexaram ás realezas, percebeu se logo que se estendia timido n'uma resignação de cobarde. Accacio fôra alguém; calinara em todas as assembleias, clamara ordem em todos os cantos como homem de principios e de programmas e na intimidade dos politicos, nas ante-camaras dos ministros, nas arcadas ou nas côrtes, a sua voz conselheiral e grave repercutira o echo estentorico das tradições e do direito. Fôra alguém afinal e medrara, súbira, sem valor, mercê d'aquella sobrecasaca grave, d'aquella compostura, d'aquella ferrea rigidez do principios, desde o degrau humilde de simples bacharel com RR ao patamar deslumbrador das commendas e das mercês. Todos o júlgavam uma força e elle proprio, olhando-se, medindo-se, em momentos fracos de desvanecimento pessoal, sentia-se força e quando cruzava as ruas, caminho da sua repartição, era sempre com o ar solemne de quem sopesava os destinos da monarchia.

Entretanto a republica triumphou mercê dos varios Accacios que ai deixaram triumphar, e o nosso homem logo se agachou a dizer solemne *“que emfim aquillo cahira de pôdre, que houvera desmandos, crimes, delapidações e que o pais anceava por ver em terra tão desgraçado regimen,...* e dizia-o com enthusiasmo, elle que fôra a podridão, o delapidador, o auctor dos desmandos e dos crimes. E dizia-o, elle que sómente accionara com as suas ambições, os seus interesses, aquella defecção, elle, que não soubera defender, honrar um regimen que o engordára e que o engrandecera, um regimen que morria ás suas mãos, as mesmas mãos conselheiraes, que agora se estendiam em gestos graves de justiça.

A republica julgou encontrar n'elle um adversario e encontrou um capacho. Olhou-o receosa e ele olhou-a com ternura, lamuriando lagrimas d'arrependimento; estendeu-lhe os braços e lambeu-lhe as botas e passou solemne a reclameá-la pelos clubs, a defende-la nas assembleias. Vieram as tentativas restauradoras e o Accacio esvurmou odio, gritou em publico vinganças e retaliaciones mas á surrelfã chegou-se para os thalassas. A medo, baixinho, como se pedisse esmola, confessou-

se monarchico mas nas prisões ou no exilio, em todo o canto onde se luctou e soffreu, onde houve heroismos e sacrificios, ninguem deu tento da sua presença. Entretanto não faltou jamais ás celebrações republicueiras, nunca esqueceu as luminarias nas festas verde-rubras, e sempre em publico cuspiu affrontas sobre os que se sacrificavam. *“Corja de tolos,,,* assim appellidou os raros patriotas, que a tempo procuraram impedir o descalabro moral e financeiro em que vivemos. *“Não, não, sou monarchico (já se atrevia a confessar) mas não vou para loucuras; revoluções não estão no meu feitio... e isto não volta para traz...,* e assim continuou a medrar.

Veio depois o episodio do Pimentismo e o Accacio resurgiu, tornou a envergar a sobrecasaca, disse-se monarchico ás claras, a pulmões plenos, mas para appoiar o governo, porque esse era o dever de todos os homens d'ordem e a sua covardia creou a formula larga, para todos estomagos, dos *conservadores*. Mas o 14 de maio ruiu as suas esperanças e logo o homemsinho praguejou contra os monarchicos que tinham compromettido a situação.

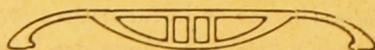
Viveu depois aos trambulhões de todas as transigencias, pusilanime, sujo, arrastando bajulações até que os canhões do sr. Sidonio Paes, deram o empurrão fatal ao demagogismo roedor.

Lá está agora fresco, espanejado, conselheiral e todo prompto a saborear as virtualhas da gamella governativa, fiado na impunidade a enrodilar, a tripudiár de tudo e de todos mas tambem para do alto do seu monarchismo. proclamar appoi ao governo, *“mas óh meninos nada d'alar-des, d'exibições, não vá succeder nos o mesmo. O que é preciso é votar nos candidatos governamentais e nada de monarchismos, nada de luctas, de loucuras”...*

Ah! meu ingenuo X... repito, o senhor tem razão. Esse bando d'indifferentes, essa alcatêa d'amarelios que só desce ao povoado quando não ha perigo, que só uiva quando não ha receios é mais do que uma expressão de momento porque é uma *scie* cobarde e negregada, uma synthese amarga d'uma epocha de vergonhas, de cobardias, de subserviencias.

E' uma fauna propria com habitat por toda a parte onde ha ambição e cobardia e que é preciso extinguir.

Para o que o paiz se salve, pittoresco X... é necessario esmagar mais do que a formiga branca, esse bando amarello de passivos, d'arranjistas, de comedores, que cá e lá medram ao sabor das conveniencias dentro da alma do Accacio, porque o Accacio não morreu—transmigrou-se em governador civil, em ministro, em... cala-te bocca, fica para outra vez.



# SERÕES AMENOS

X

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

## Aventuras do alphabeto



As accusações contra a letra *L* são nada a par dos elogios que lhe tecem varões doutos e virtuosos.

Antes de mais nada, porque se hade guardar tamanho rigor só contra o *L* por delictos que todas as outras letras praticaram? Não nego eu que o *L* tenha mudado de lugar e usurpado o de suas irmãs, a quem tambem algumas vezes abandonou. Mas foi só ella? Não fizeram as outras letras o mesmo?

Vejamos os vogaes. Se da palavra latina *anguilla* (enguia) desapareceu o *L*, tambem o *a* foi substituido por um *e*; de *fames*, em latim, fizemos *fome* em portuguez, trocando o *a* por *o*. De *regina*, *lacertus*, *ebenus* fizemos: *rainha*, *lagarto*, *ebano*, onde se vê *a* no lugar do *e*. De *cubitos* saiu *côvado*, de *esca* fiz-se *isca*, de *littera* surdiu *letra*, de *bucca* veio *bocca*, evoluções em que vemos respectivamente as vogaes *u*, *e* e *i* cederem o lugar a outras.

Se nos voltamos para as consoantes, peor! Veja-se *v* por *b* em *fava*, de *faba*; *g* por *c*, em *tigo*, de *ficus*; *z* por *c* em *dezembro*, de *december*; *z* por *d*, em *gozo*, de *gaudium*; *j* por *d*, em *inveja*, por *invidia*. etc, etc, etc.

Mais: tanto as consoantes como as vogaes, mudam de lugar aos pares, como em *queijo*, que vem de *caseus*, ou em *chama*, que vem de *flamma*, e os exemplos abundam.

Mais ainda: casos ha em que duas consoantes arastaram o proprio *L* na mudança, como *sufflare* que deu *soprar*. . .

Colhemos, pois, d'êste rapido exame que todas aquellas accusações formuladas contra o *L*, se podem com igual jus fazer ás outras letras do alphabeto. Se alguma differença ha é toda em favor do *L*; como se vae ver.

Respigámos os exemplos acima citados no *Genio da Lingua portugüesa*, de Evaristo Leoni. Pois ahi encontrará o leitor (pag. 7 do 1.º vol.) o seguinte: «Antigamente dizia-se *craro*, *cramor*, *incrinação*, *praneta*, *exemplo*, *simpres*, *pubrico*, *infruencia*, etc, porém, todos estes vocabulos, depois de assim corrompidos se restituíram a seo primitivo ser.» Quer dizer: o *L* prevaricou, não cabe duvida, prevaricou tanto como as outras letras, mas quando poude emendou-se e reparou o mal feito, vindo reoccupar o lugar que lhe competia.

De mais, não é difficil provar que os seus desvarios, facilmente explicaveis pelas más companhias, eram uma violencia á sua indole naturalmente inimiga de vadiagens. Com effeito, o *L* era uma das quatro letras que entre os grêgos eram immutaveis (o *lambda*, *l*; o *mi*, *n*; o *ni*; *n* e o *rho*, *r*) e que porisso eram chamadas *ametabolá grammata*: letras immutaveis!

Tem o *L* um préstimo que os leitores porventura ignoram. Quatrocentos milhões de chinezes, que não podem pronunciar o som *R*, substituem-no facilmente por *L*. É assim serve esta benemerita letra — pelo menos o suavissimo som que por ella representamos — a quasi um terço da população do globo!

Mas onde a sua acção é mais apreciavel é no francês, que se tornou lingua universal. Comece o leitor por notar que em francês o proprio nome do *L* tem significação e boa: *elle=ella*, o «eterno feminino»!

É que esta letra tem não sei quê de feminino, que embelleza e suaviza a palavra, reconhecem-nos bons

auctores, como De Piis na *Harmonie imitative de la langue française*, Oigamo-lo.

Combien cette lettre *L* embellit la parole!  
Lente, elle coule ici; là, légère elle vole:  
Le liquide des flots par elle est exprimé;  
Elle polit le style, après qu'on l'a limé.  
La voyelle se teint de sa couleur liante:  
Se mêle-t-elle aux mots, c'est une huile luisante,  
Qui mouille chaque phrase, et pour son lenitif  
Des consonnes détruit le frottement rétif.

De que outra letra podiamos dizer outro tanto? Enquanto umas bulham com outras (veja-se o tratado de Luciano, sobre um conflicto entre letras) esta anda por meio das palavras suavizando atritos.

Mais sympathizaremos ainda com esta benemerita letra, se considerarmos o que ella significa. E não me aterei ao que já no seculo XIII escrevia Jubinal na *Senefiance de l'A, B, C*.

Lettre, langage, loi esemble  
Senefie *L*, ce me semble,

porque muito melhor temos em *casa*, na immortal *Imagem da vida christã*, de frey Heitor Pinto. Adicionamos, para elucidação do leitor, um alphabeto hebraico a esta pagina de bom portugüês, chave de oiro com que fechamos esta palinodia em defeza da letra *L*:

Prelado sem letras é ave sem penas, e navio sem leme e relogio sem pesos. No primeiro capitulo do Deuteronomio fallando Moisés com os Judeus dizia-lhe: Dae-me dentre vós varões sabios e prudentes, cuja conservação seja approvada de vós e eu os farei vossos principes. Isto quizeram significar os antigos hebreus no seu alphabeto, no qual nenhuma letra alevanta a cabeça senão *lamed*, Estando todas as outras baixas, só ella está alta com uma corôa em

אבגהוזחטיכלמנסעפצקרשת

cima como *rainha* e *princeza das outras*. E havendo no alphabeto hebraico vinte e três letras, o *lamed* é a duodécima, de maneira que está collocada pontualmente no meio de todas ellas, e quer dizer *doutrina*, derivada do verbo *lamad* hebraico, que quer dizer ensinar. Porque todas as letras hebreias, além do que são, tem suas significações. Por êste *lamed* se entende o principe e prelado, que está mais alto, ao qual todos os outros se inclinam, elle manda e os outros obedecem. Alevanta a cabeça para cima, porque o prelado ha-de far a mente para o ceu alevantada, pedindo sempre o divino adjutorio.

Como em hebreu, tambem em grego *L* aponta para o ceu; Λ, e bem assim no alphabeto latino, onde, ao contrario do ventruado *b*, a nossa calumniada letra *L* é apenas uma columna alevantada para o ceu apontando os destinos superiores da estirpe humana:

Os homini sublime dedit cœlumque tueri  
Jussit...

Estarão contentes agora todas as Lauras?

## O Crucifixo de Neuve-Chapelle

*Ao caro José Agostinho para agradecer-lhe  
um dos seus bellos "quadros".*

Sobem no ceu estrellas scintillantes;  
Tombando para o mar,  
Vão outras, já perdidas, mais distantes;  
Calmos e serenos, o ar.  
Selene vem os raios mil amantes  
Nas aguas espelhar.  
E' tudo em paz; mas, ai! na terra agita  
Furia de morte a multidão precifa.

Ruge o canhão! A forte voz sonora  
Os ventos abalou,  
E seu fragor naquella horrendo hora  
Os homens acordou:  
Fuzila o raio, e a placidez agora  
Em lucta se tornou.  
Ai quanto sacrificio! e quanta vida  
Prostrava alli a furia desmedida!

Retreme o solo em volta e a metralha  
Dizima a legião:  
Ha sangue e dor; os echos da batalha  
Refervem na amplidão.  
Ferreos projecteis pelo campo espalha  
Duro, hiante canhão;  
Tombam as casas, o arvoredo tomba;  
Pavida foge, de assustada, a pomba.

Depois se fez silente a madrugada  
E vem brotando o dia;  
Neuve-Chapelle fora derrubada  
Pela metralha impia:  
Porem, quando arrulhava na alvorada  
A pomba que fugia,  
Do fulvo sol beijou a prima luz  
Entre os escombros uma illesa Cruz!

*José Constantino.*

## Ao bandolim do coração

VII

### Visão

Vai comigo a tua imagem,  
Belleza, mimo e frescura...  
Vi-te quasi de passagem,  
Mas essa visão perdura.

Se perdura! Nem sei quando  
Poderei vir a esquecer-te,  
Pois, tão longe de ti ando  
A falar contigo e a ver-te!

Se ouvistes o que te digo  
Cá da minha solidão!...  
Que eu estou sempre contigo  
Dentro do meu coração.

Li teus olhos cheios de alma,  
Postos em mim sem doblez.  
E desde então, terei calma  
Se te vir mais uma vez.

—Mais uma vez! pobre louco!  
Com isso sociegarias?  
Era muito! e era tão pouco  
O vê-la todos os dias!—

Não me chames insensato,  
Se leres o que escrevi;  
Desgraçado, sim. De facto,  
Para desgraças nasci!

8 12-917,

*João Avelino.*

## QUADROS

XIII

### A Salvação

A' Ex.ma Senhora D. Carlota M. d'Azevedo A. e Gama

— Quem é que entende as almas, se não soffre?  
Quem é que entende a fonte a soluçar,  
Ou a magua da espuma á beira-mar,  
Ou da gotta do orvalho o puro aljofre,

Se encerra a vida no dinheiro em cofre? —  
Dizia isto, livida, a arquejar,  
Uma mulher de branco, modelar,  
Ferida pela angustia bem de chofre.

Passava tanta gente, e nem só uma  
D'essas pessoas lhe fitava a dor  
Que a cobria de lagrimas e espuma!...

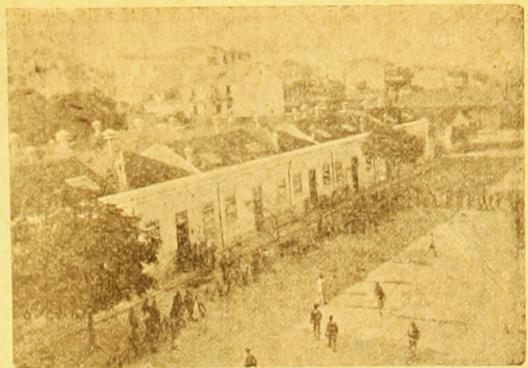
La morrer de inequalado horror,  
Sem que a ouvisse ninguem! Mas, n'isto, a bruma  
Rompeu-se, e viu-se a Face do Senhor!

*José Agostinho.*

# A sublevação da marinha



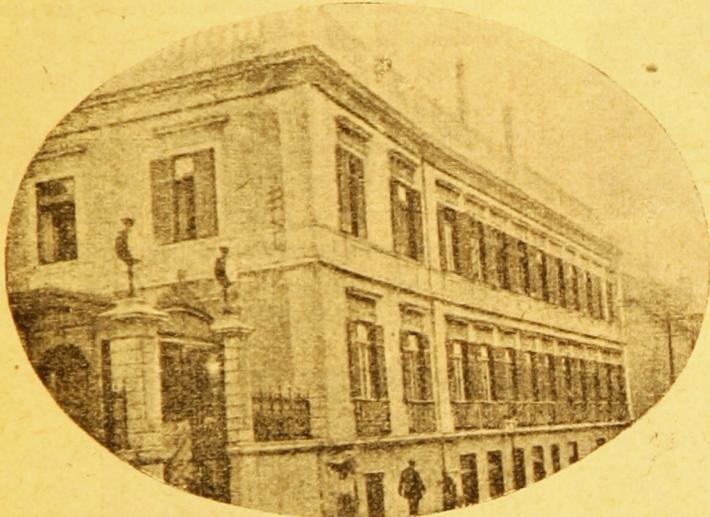
Major Sidonio Paes, chefe do governo que suffocou o movimento.



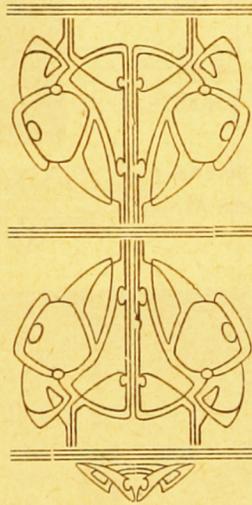
Quartel de sapadores mineiros, cuja guarnição tomou parte activa na defesa do governo.



Duas praças da nossa marinha.



O edificio dos correios e telegraphos de Lisboa que durante o movimento esteve cercado pela artilharia fiel ao governo.



tação que bem lhe demonstrou o agradecimento por libertar o paiz do jugo democratico.

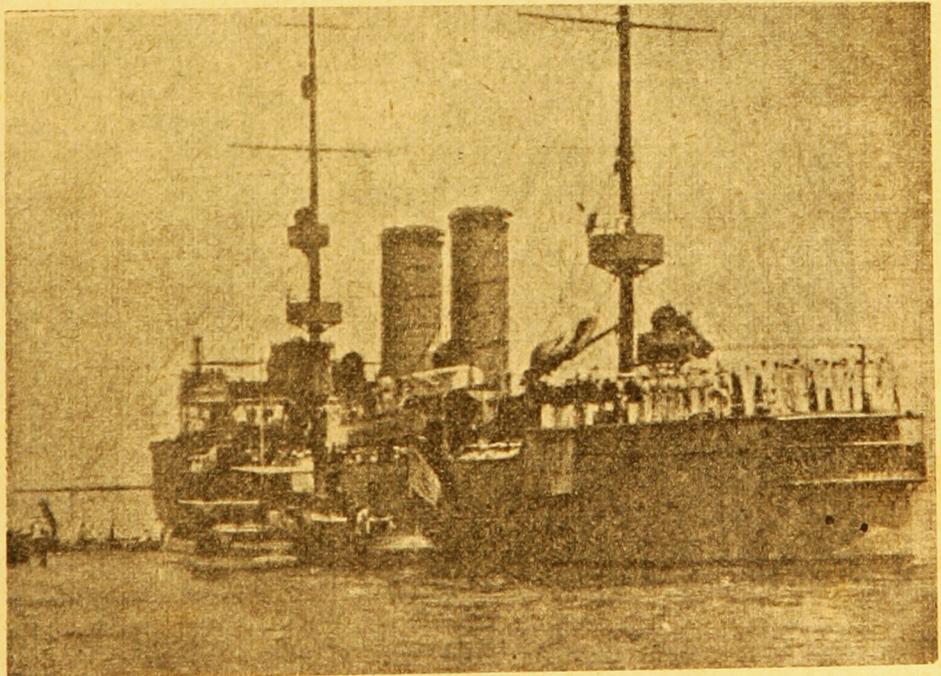


Mais uma vez o illustre major Sidonio Paes, mostrou a Portugal e ao mundo inteiro a sua envergadura e o seu talento militar, quando no dia 8 de janeiro, mais uma vez subjugou a revolta da marinha affecta á demagogia.

Foi o «Vasco da Gama» o vaso de guerra que se revoltou, e que mais soffreu das granadas lançadas dos fortes.

Para segurança da ordem publica foram encerrados todos os centros democraticos, onde desde 8 dezembro se preparava este movimento.

Já depois d'isso, visitou o norte do paiz, onde foi alvo d'uma carinhosa manifes-



Cruzador «Vasco da Gama», cuja guarnição se revoltou, durante a revolta e que foi attingido seriamente pelas granadas.



Afonso XIII, rei de Hespanha



Garcia Prieto,  
presidente de Ministros

Os sargentos e brigadas do exercito hespanhol, por o actual governo lhes não conceder uma audiencia e tambem ajudados por elementos civis, tentaram no dia 5 d'este mez revoltar-se.

Porem o governo, soube a tempo deste movimento impedindo o, prendendo os suspeitos, fazendo buscas e redobrando a vigilancia.

Numa das buscas encontraram-se um documento em que estavam firmadas 15:000 adhesões de sargentos e brigadas.

Afonso XIII nesse mesmo dia foi serenamente assistir á representação da «Opera Mignon» ao Theatro Real.



Sargento brigada

Os revolucionarios, mechiam-se rapidamente e entendiam-se por cifras.

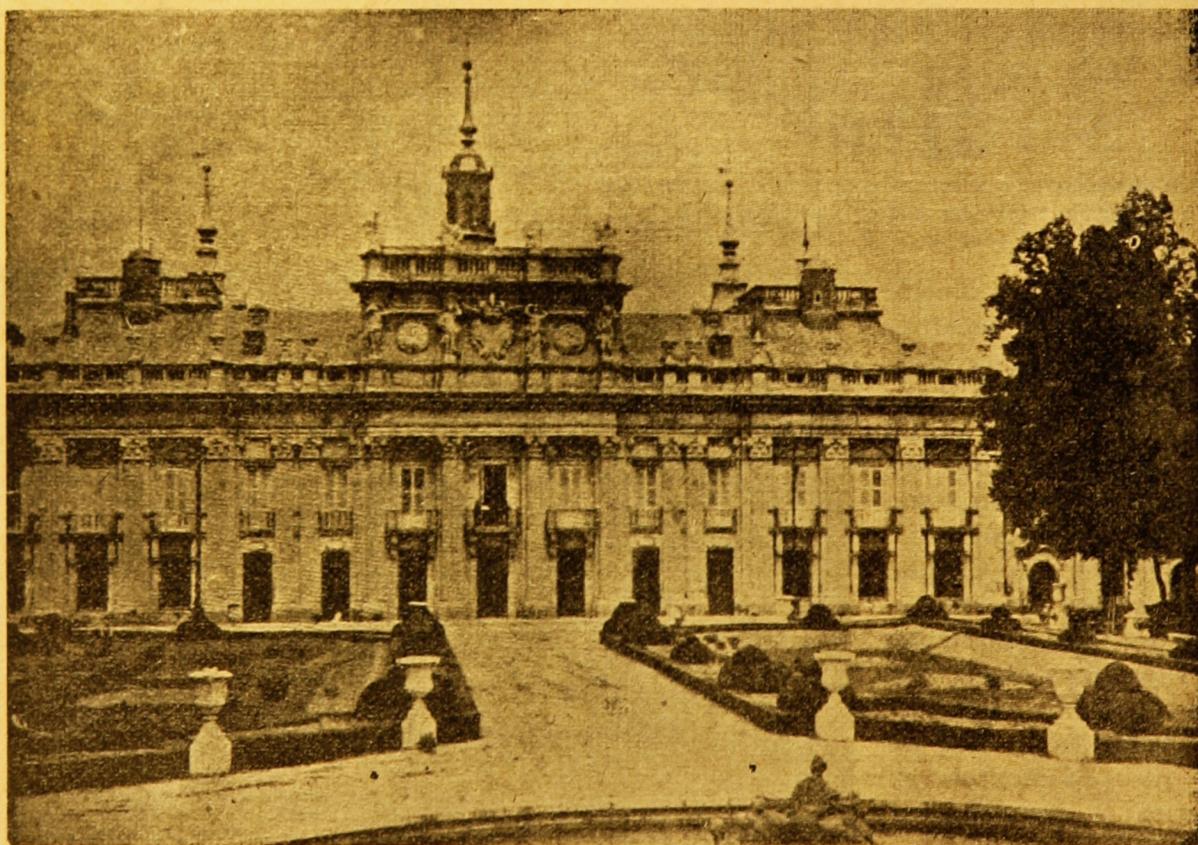
\* \* \*

O celebre palacio Real da Granja foi no dia 1 deste mez totalmente destruido por um violento incendio.

Era a residencia da familia real quando esta saia da capital para o campo.

Foi edificado no Real Sitio de S. Ildefonso, provincia de Segovia pelo rei Filippe V. Era admiravel pela sua architectura, e pelas preciosidades artisticas que encerrava.

A magnificencia dos jardins mereceu ao local o nome de *Versailles hespanhol*.



O Palacio real da Granja

Um aspecto do admiravel palacio, destruido recentemente por um incendio

## Portuguezes na guerra



Sargento José Manoel Barbosa de cavallaria 5 que se encontra em França. E' natural de Braga.



Anibal de Sousa Almeida, antigo typographo das nossas officinas hoje na frente



José Rei David,  
soldado portuguez,  
hoje na frente



Mario A. Nascimento Silva  
1.º vogal da Juventude Catholica  
de Setubal actualmente na frente.



Antonio Maria Leite,  
2.º sargento d'infantaria 8.  
em França

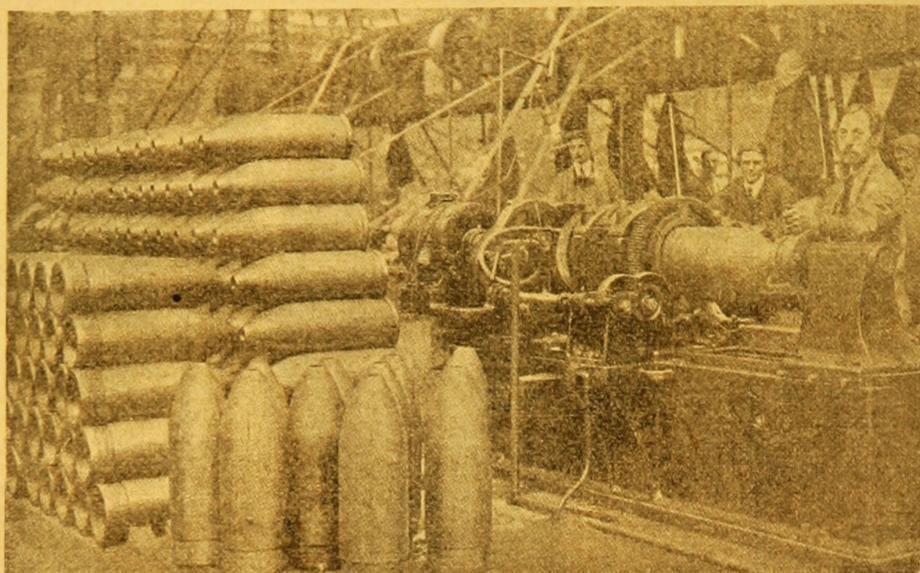
## Primeira Communhão

A illustre familia Mattos Graça, da villa de Barcellos, acompanhada por outras pessoas no dia em que o filho do Sr. Dr. José Mattos Graça fez a sua primeira communhão.

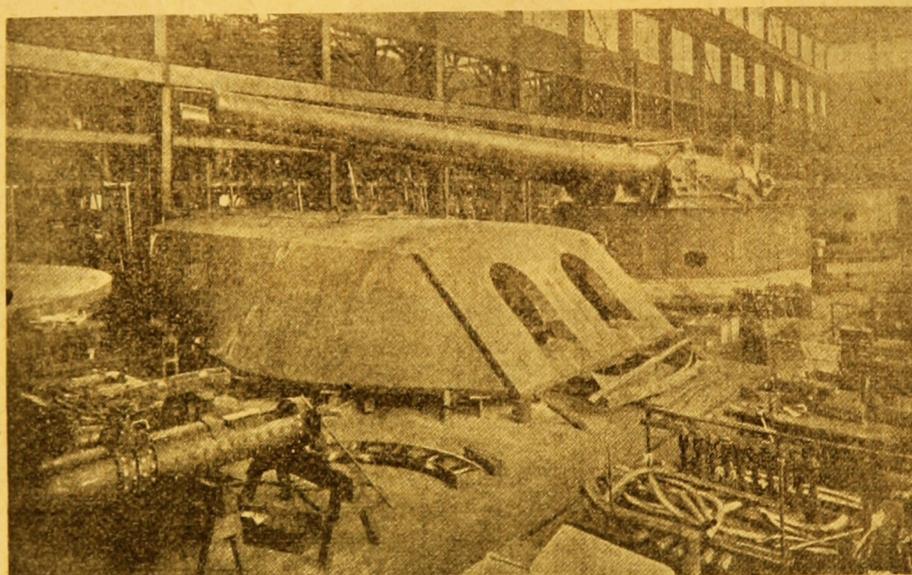


Phof.  
A. Sou-  
casaux

## Nas fabricas de munições



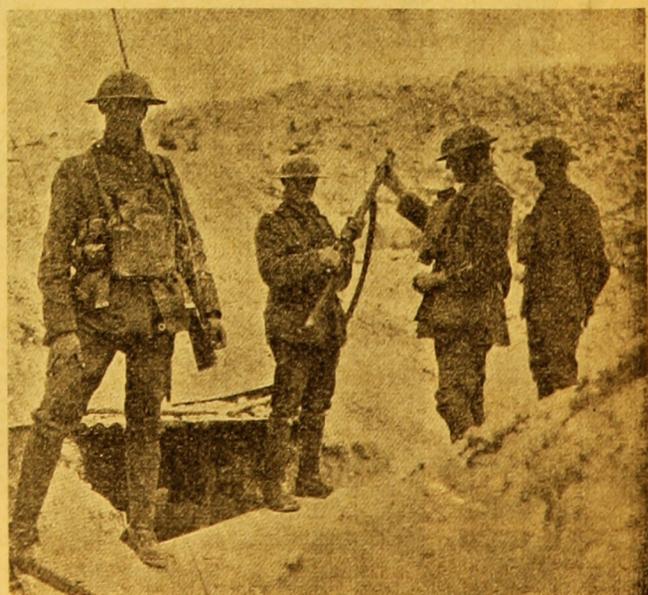
A sala de fornos de grandes projecteis, numa fabrica ingleza



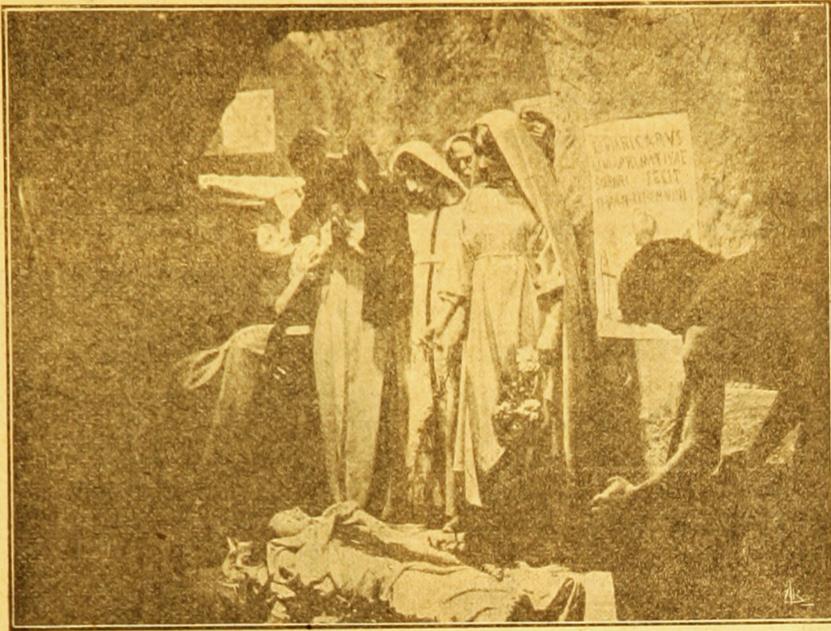
Uma sala das fabricas norte americanas onde se fabricam as torres blindadas para os vasos de guerra

Marinheiros alle-mães, armados de mascaras contra os gazes, defendendo a costa do mar Baltico.

Inspeção do armamento nas trincheiras inglezas.



VISITA AO  
TUMULO DE  
UMA MARTIR



NAS CATA-  
CUMBAS DE  
ROMA

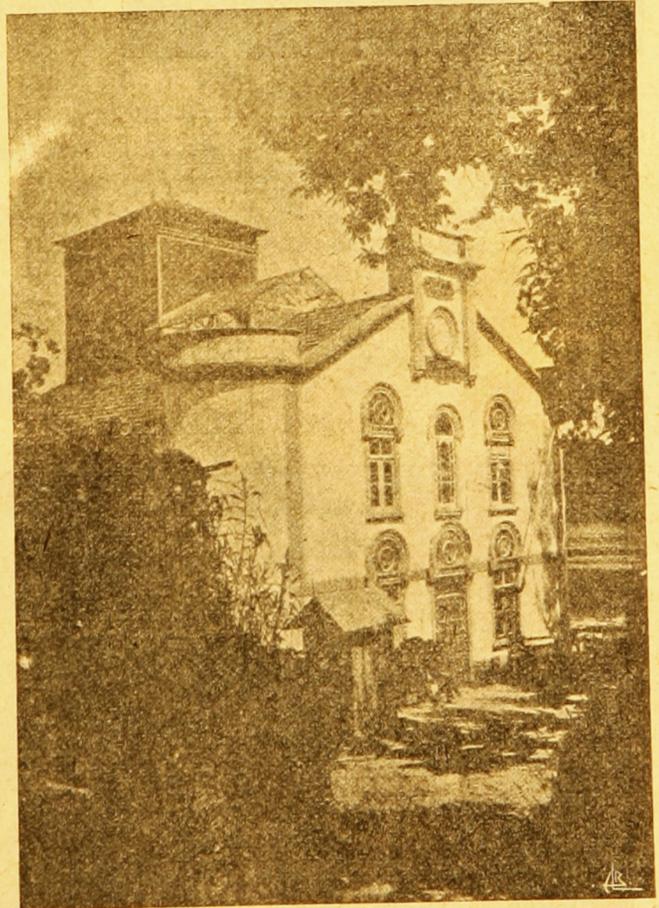
Phot. de Braz Lata  
de Carvalho



BRAGA—Praça Alexandre Herculano por ocasião  
da ultima nevada. Phot. Alliança



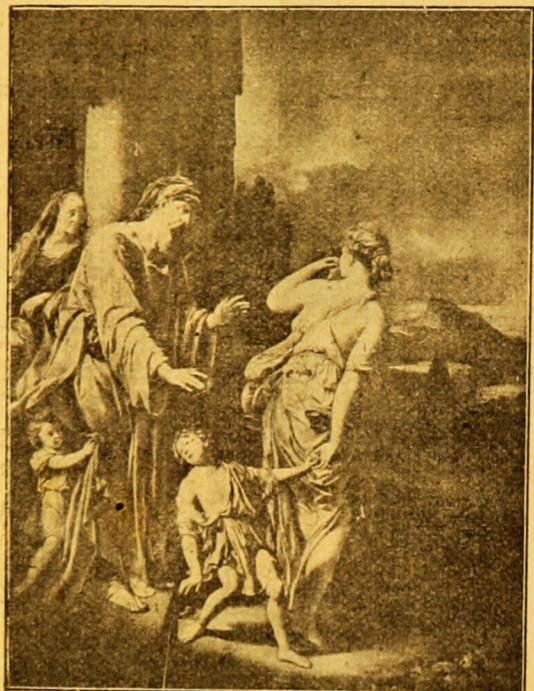
—E' um excelente medico! Salvou-me!...  
—Sim? E de que doença?...  
—De um electrico, que esteve quasi a atropellar-me...



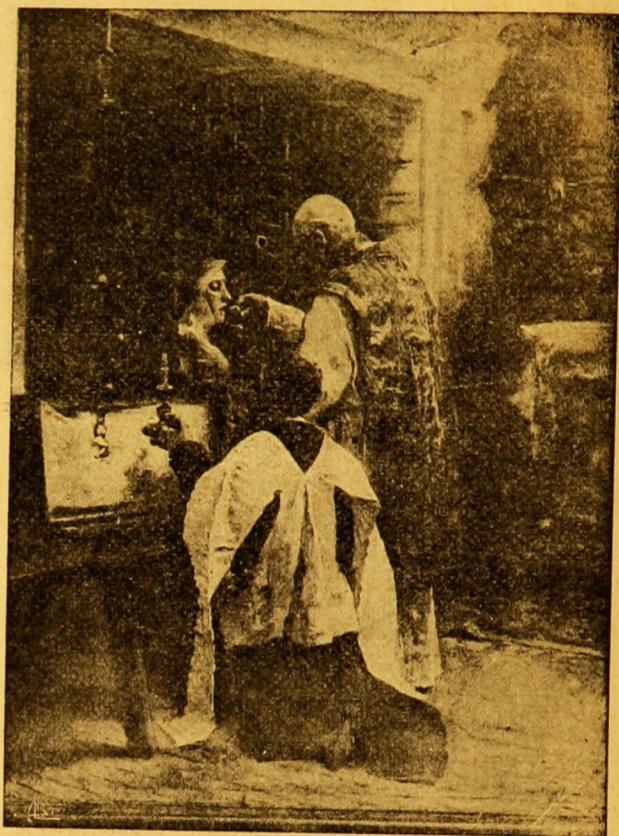
MONÇÃO—Edificio das termas



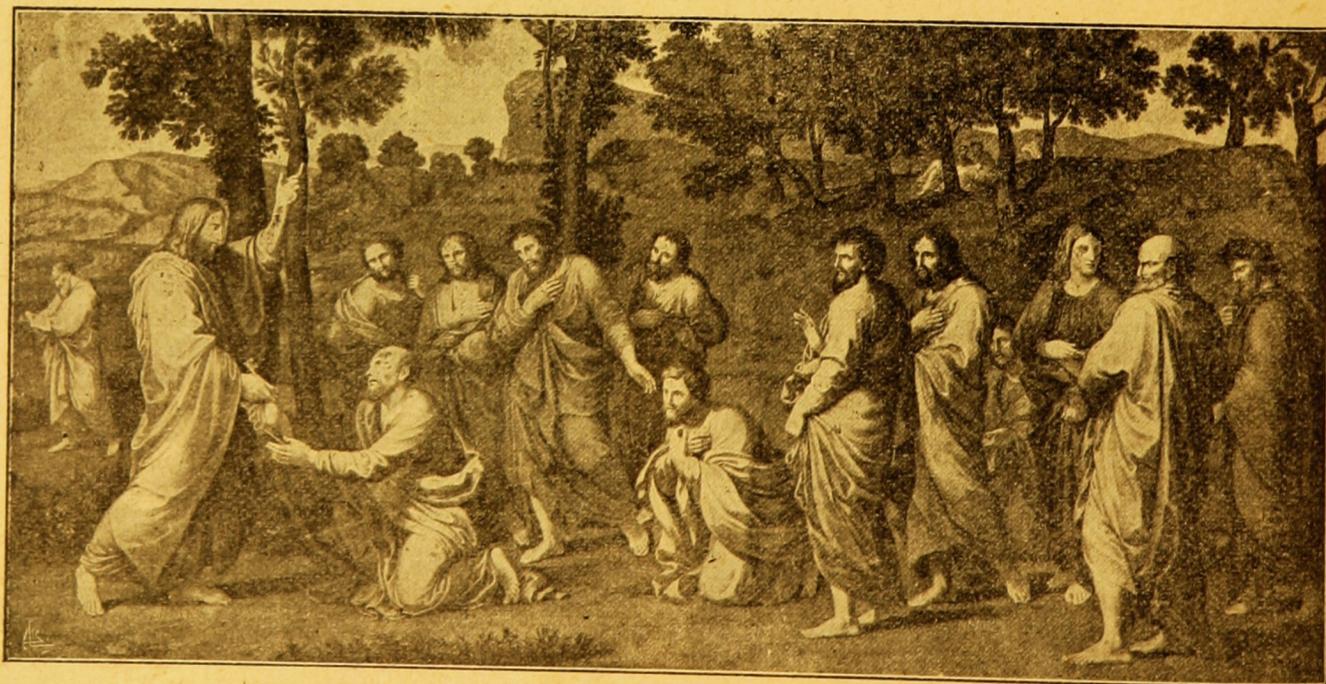
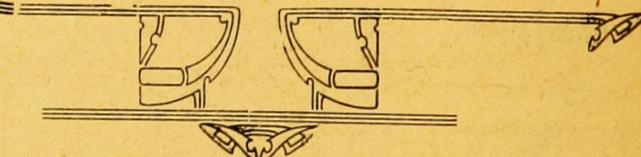
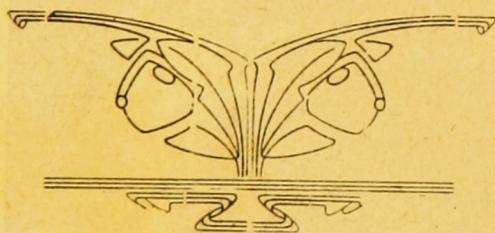
# QUADROS DA BIBLIA SAGRADA



Abrahão expulsa Agar



O terceiro sacramento



Jesus entregando as chaves a Pedro, principe dos Apostolos

# Um conto sobre episodios da guerra

Por J. Corte Real d'Albuquerque.



**M**ELANCOLICO anoilecer de inverno.

As arvores e as montanhas esfumam-se n'uma crescente absorpção de luz.

Fóra o vento geme a sua eterna litania de raiva e de dôr.

Adentro de nós vae-se adeantando cada vez mais a sombra da tristeza e do mysterio.

Anoiteceu.

N'uma pequena casa terrea a luz vacilante de uma candeia põe danças macabras de sombras nas paredes denegridas e nuas.

Junto da lareira uma mulher ainda moça, os olhos vermelhos de chorar, medita profundamente.

A um canto, n'uma meia luz esbatida e velada, uma creança dormita n'um berço de pinho, já enegrecido.

De longe a longe um clarão mais vivo da lareira illumina este quadro, e então a pobre mãe fita enternecida o pequenino, que, indifferente á profunda tristeza exterior e á magua que alanceia o coração d'aquella que lhe deu o ser, dorme com um sorriso a afforar-lhe a linda boquita côr de rosa.

Esvae-se o clarão n'uma tremulina de luz e a mulher volta á sua posição de sonho e de tristeza.

N'isto uma chamma mais intensa esclarece toda a quadra, a um lado a meza, a outro uns môchos de pinho, junto da lareira varios objectos de barro, e mais além, por sobre um leito de bancos, uma gravura tirada de qualquer jornal, e colada na parede, de junto de uma velha oleographia representando a Virgem.

A ventania redobra de violencia e faz ouvir um como gemido gigante, um extranho e arripante uivo de dôr.

A mulher acorda então do seu demorado meditar e o peito se lhe arqueia n'um soluço, que vibra e estremece n'uma intensa melopeia de magua e de saudade.

Falla, mas n'um tom soluçado e lento;

Meu Deus... pobre João... onde estará elle agora?

Maldita guerra que m'o levou... quem sabe se estará ferido?...

Não sei o que me advinha o coração!...

E a voz se lhe afoga n'um novo soluço, mais angustiado e fundo, para depois continuar:

Raio de sorte... lá partiu... tinha de ser... e eu aqui fiquei a chorar, e sempre com um medo, um receio enorme de não o tornar a ver... mas não, que me ha de valer a Virgem Santa Maria ..

E soerguendo-se, e segurando na mão tremula a pequena candeia, commovida foi ajoelhar junto do pobre leito.

A luz punha seus tons de vida na velha oleographia da Virgem e a mulher, toda vibrante de anciedade e de esperança, orou com aquella fê intensa que, em tempos mais distantes, tão heroico tornou o velho e destemido povo portuguez.

A oração subia ardente e apaixonada e os labios tremulos murmuravam a supplica final:

«Virgem Maria... Senhora minha... tende piedade de nós... Valei-nos... Salvae o meu João...»

A ventania agora acalmãra um pouco, e a angustia intensa d'esta noite de inverno parecia diluir-se nas ultimas vibrações d'aquella voz sussurrada e doce.

Um pequeno gemido arrancou a pobre mãe á sua dolorosa meditação.

Rapidamente approximou-se do berço e apertando carinhosamente ao seio o filho do seu amor, o seu pequenino João, cobriu-o d'aquellas caricias, ao mesmo tempo leves e ardentes, como só uma mãe os sabe fazer.

E sentindo esvair-se-lhe a sua dôr n'aquelle sentimento maternal que ia invadindo, e a fazia chorar e rir ao mesmo tempo, sentindo menos oppresso o coração de novo a esperança subia a envolve-la consoladoramente como um manto de luz, uma nova auroa que raiasse das trevas do seu espirito.

Agora, já mais socegada, aconchegou ao leito o pequenino ser e, sorrindo-lhe ao pensamento a ideia de uma breve paz e a volta do seu querido João, deitou-se junto do filhinho, formando-lhe com o corpo um doce ninho de amor, e assim adormeceu.

\*

Estamos em França.

Há ao longe, na primeira linha, um môço soldado, coração rude mas sincero de portuguez, olhava melancolicamente as linhas inimigas.

(Continúa).

# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### Julio Cezar

**V**ANGLORIAVA-SE, como todos os patricios romanos, de elevar a sua origem até Anchises e Venus, e nasceu em Roma, no anno de 98, antes de Christo, foi o primeiro imperador romano e foi assassinado na idade de cincoenta e seis annos.

Scila, prevendo n'elle alguém de quem se devesse temer, quiz po-lo na lista dos proscriptos. Os amigos do ditador contrariaram-no argumentando que Julio Cezar era uma creança e Scila respondeu-lhes:

—Não vêdes! Rapaz, lhe chamais! Pois digo-vos que estão n'este rapaz muitos Marios.

Foi muito novo estudar rehetorica em Rhodes, e na viagem foi captivo dos piratas que lhe pediram vinte talentos pelo seu resgate, Cezar respondeu rindo:

—Ignorais que eu sou Cesar, tereis cincoenta talentos pela minha liberdade.

Cezar pagou o resgate, armou um navio, foi em perseguição dos piratas, apriou-os e mandou-os crucificar.

Casou com Pompeia e esta um dia deu uma festa em que só era permittida a assistencia de mulheres. O jovem Claudio vestiu-se de mulher, entrou em casa de Pompeia e mandou-a chamar por uma creada, que alvoratou toda a casa. Assim que o soube Cezar repudiou Pompeia, e a quem lhe perguntou, porque repudiava a mulher respondeu:

—Eu não julgo Claudio e Pompeia culpados. Mas não basta que a mulher de Cezar seja virtuosa é preciso tambem que o pareça.

Em viagem para Hespanha parou n'um pequeno povoado como um dos seus officiaes dissesse, rindo, querer saber se entre aquelles aldeões haveria zelos para obterem a magistratura, disse-lhe:

—Porque não! antes queria ser aqui o primeiro que em Roma o segundo.

Vencido Pompeu, restava como inimigo a Cezar o filho do rei Mitridates, que marchou sobre Roma com um numeroso exercito. Cezar bateu o no Ponto e mandou dizer para Roma:

—*Veni, vidi, vinei.*

Havendo começado as conspirações contra Cezar, um amigo recommendou-lhe a maior vigilancia.

Para quê? Mais vale morrer uma vez do que temer a morte a cada momento.

Ceando, na vespera de ser assassinado, em casa de Marco Lepido, e disputando os convivas sobre qual seria a melhor morte, Cezar, disse:

—A menos esperada!

Os conspiradores aggrederam-no em pleno senado. Cezar arrancou da sua espada para defender-se, mas teve que succumbir ao numero. Vendo entre os conspiradores a Bruto, a quem ternamente amava disse assombrado:

—Tambem tu, Bruto!

Cobriu então a cabeça com o manto e deixou-se assassinar.

### O bom rei Henrique

Os frãncezes chamavam a Henrique IV o *bom rei Henrique*, e bem mereceu elle pelo seu espirito e pelo coração a estima dos subditos. Passando uma pequena cidade do norte da França, sahiram a cumprimental-o a camara, os funcionarios, o povo, e o vereador mais velho começou um discurso laudatorio. Ao mesmo tempo começou um burro a zurrar, e Henrique voltando-se para o sitio donde vinham os zurreos, disse alegremente:

—Senhores, falle cada um por sua vez.

### Começava então

Em tempo de Luiz XIV foi um alto empregado publico accusado de peculato e por isso demittido. Ao receber a noticia da demissão, disse friamente:

—Fizeram mal em me demittir, pois, tendo já arranjado os meus negocios propunha-me cuidar nos do Estado.

### Todos maus

Perguntaram a Chamfort porque razão não tinha figurado na revolução de 1792, e elle respondeu:

—Achei os homens tão maus individualmente, que não ousei esperar d'elles coisa boa quando os vi reunidos collectivamente.

# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).-3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

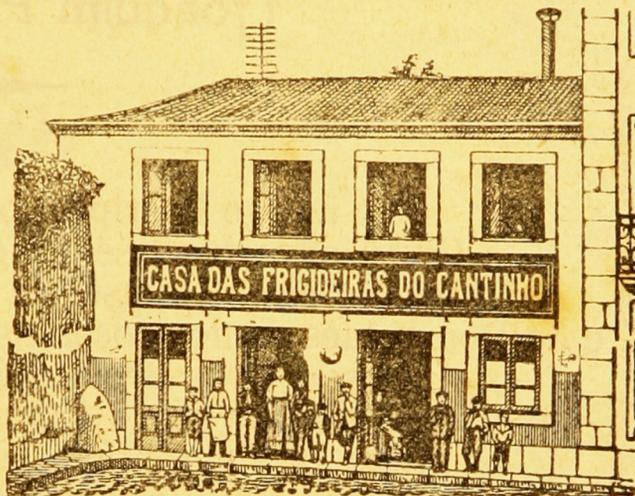
Os Pais e avs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concelho subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

# V A G O

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**

# V A G O

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**